

A cidade e a roça:

SEMEANDO AGROECOLOGIA



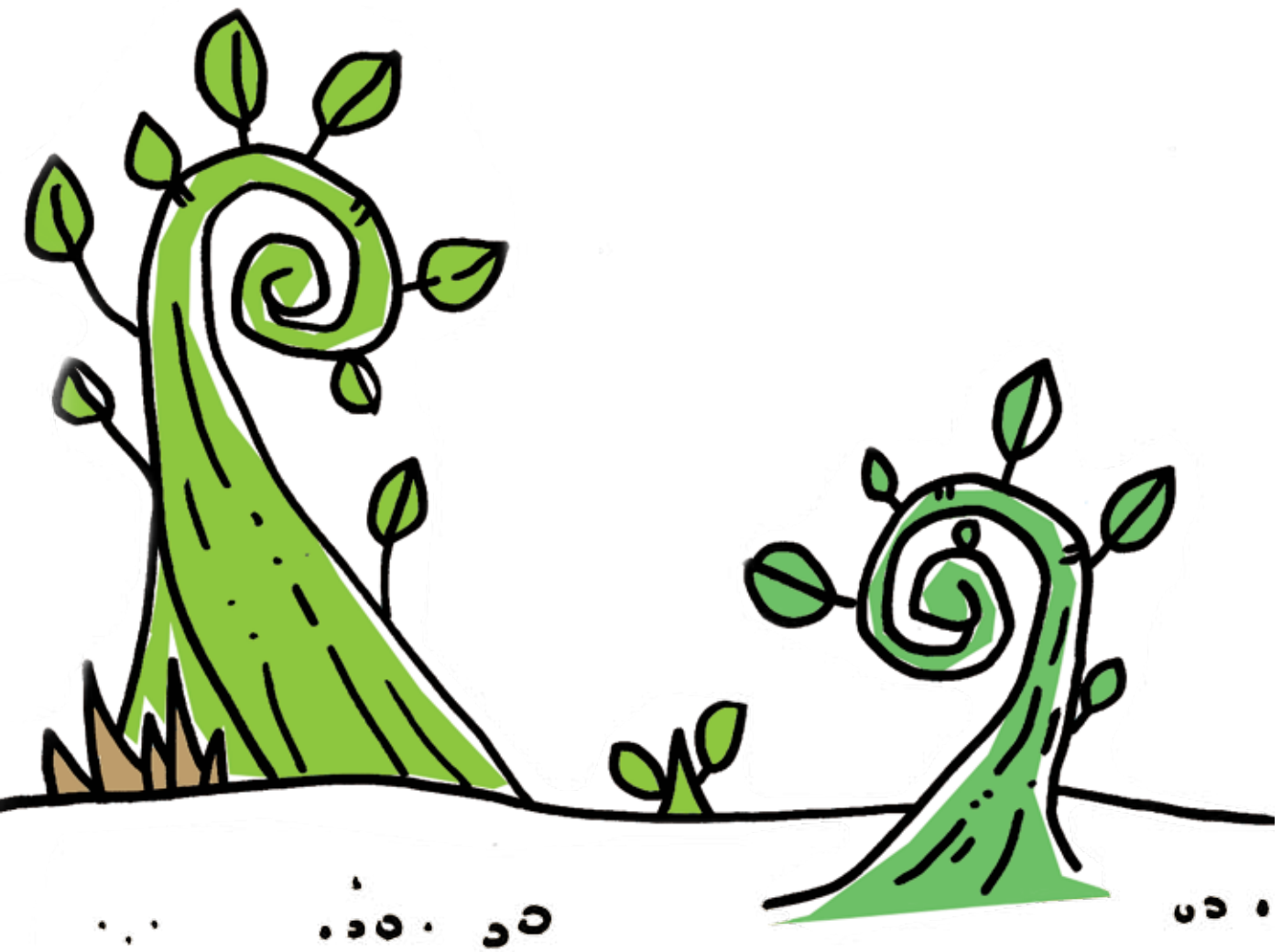




A cidade e a roça:

SEMEANDO AGROECOLOGIA







A CIDADE E A ROÇA

A cidade cresce e avança cada vez mais sobre a área rural. Onde havia lavoura anos atrás, agora encontramos concreto. O estado do Rio de Janeiro é uma das áreas mais urbanizadas do Brasil. A baixada fluminense e os subúrbios do Rio de Janeiro que formam a maior parte da região metropolitana do estado, são um bom exemplo do que o crescimento urbano desenfreado pode gerar: prédios para todo lado, favelas, imensas comunidades, gente para mais de metro, violência, confusão e muita desigualdade social.



A alma camponesa, porém, resiste em áreas rurais ainda existentes e mesmo dentro da cidade maravilhosa. A vontade de plantar supera as dificuldades impostas pelo crescimento da selva de pedra. Em meio à especulação imobiliária na região metropolitana, permanecem iniciativas de famílias que procuram resgatar seus laços com a natureza, fazendo de suas roças uma alternativa de geração de renda e de produção de alimentos. Seja em propriedades familiares e terrenos em torno das cidades, em quintais ou até mesmo em lajes, a roça persiste, conservando práticas e valores de homens, mulheres e jovens agricultores.

A ROÇA NA CIDADE

Experiências em agricultura dentro da cidade e em áreas rurais da região metropolitana permanecem e vêm mesmo se multiplicando no Rio de Janeiro. Muitas dessas iniciativas buscam produzir alimentos em harmonia com a natureza, valorizando o trabalho em grupo, incentivando a participação ativa dos jovens e mulheres e, dessa forma, semeando a agricultura ecológica familiar na região.

A cidade precisa de terra para crescer. Já a roça precisa de terra para viver. Enquanto empresários e empreiteiros querem lotear, construir e vender, agricultores querem lavrar, plantar e produzir. O Rio de Janeiro incha a cada dia, e a pressão sobre as zonas ainda rurais em torno da cidade é grande. No entanto, experiências como a da Rede de Agricultura Urbana, da Univerde, da Associação de Marapicu, da Coopagé, entre outras tantas, mostram que mesmo nas cidades é possível viver dignamente da relação íntima com a natureza – fazendo agricultura. Tais iniciativas mostram que é preciso ter locais de produção de alimentos próximos às áreas urbanas para que as pessoas ao redor possam se alimentar melhor e mais barato. Mostram que se pode gerar renda e aumentar a qualidade de vida das famílias envolvidas. Mostram também como a agricultura é uma forma rica de fortalecimento de laços de vizinhança e de vida comunitária. E, principalmente, mostram que com criatividade as dificuldades impostas pela cidade são superadas.



PLANTANDO ROÇA ECOLÓGICA EM FAIXAS DE DUTOS

O pessoal da UNIVERDE – Cooperativa de agricultores familiares de Nova Iguaçu – aproveita as faixas de dutos da Petrobras para fazer suas lavouras. Plantam hortaliças e legumes sem agrotóxico, utilizando-se de esterco animal e restos vegetais para adubar a terra. Plantam de tudo e misturado. Fazem feiras e fornecem para Alimentação Escolar.

PRODUZINDO ENTRE A SERRA E A CIDADE

Agricultores familiares, organizados em uma cooperativa – COOPAGÉ, produzem e comercializam uma grande variedade de alimentos, todos cultivados em torno da cidade de Magé. O grupo vem participando ativamente de movimentos em prol da Agroecologia e conta com diversos agricultores e agricultoras que estão inovando suas práticas produtivas.



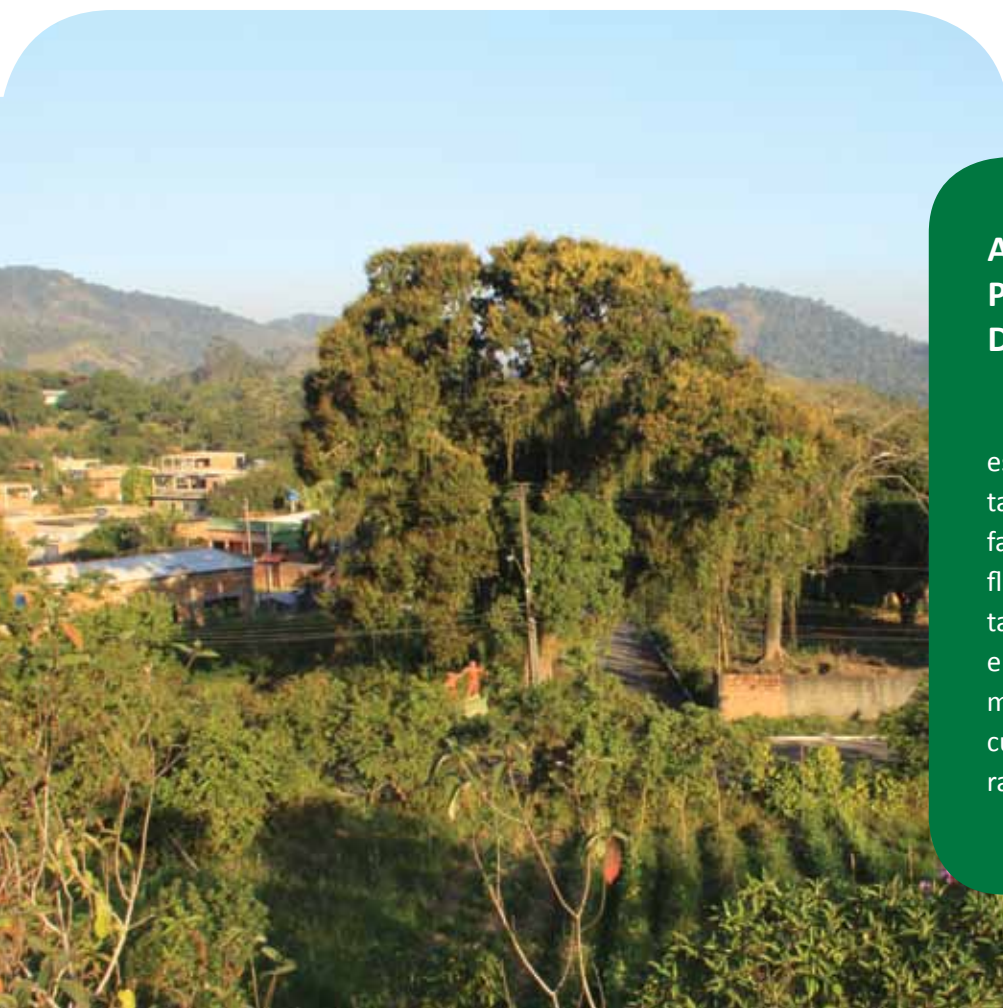
A AGRICULTURA FAMILIAR E A LUTA PELA TERRA

Há mais de 25 anos a comunidade de Marapicu (assentamento Campo Alegre) vem lutando para fazer da agricultura familiar bandeira de resistência ao avanço da cidade. Localizada em Nova Iguaçu, a comunidade participa ativamente da Escolinha de Agroecologia de Nova Iguaçu e incentiva experiências com lavouras ecológicas.



AGRICULTURA URBANA – PINTANDO O CINZA DE VERDE

Buscando aproveitar pequenos espaços em suas residências, quintais baldios, lajes e vasos, diversas famílias da região metropolitana fluminense praticam a arte de plantar, produzindo comida, remédios e beleza em meio ao concreto. A maioria destas experiências se articula por meio da Rede de Agricultura Urbana – RJ.





A ROÇA EM HARMONIA COM A NATUREZA

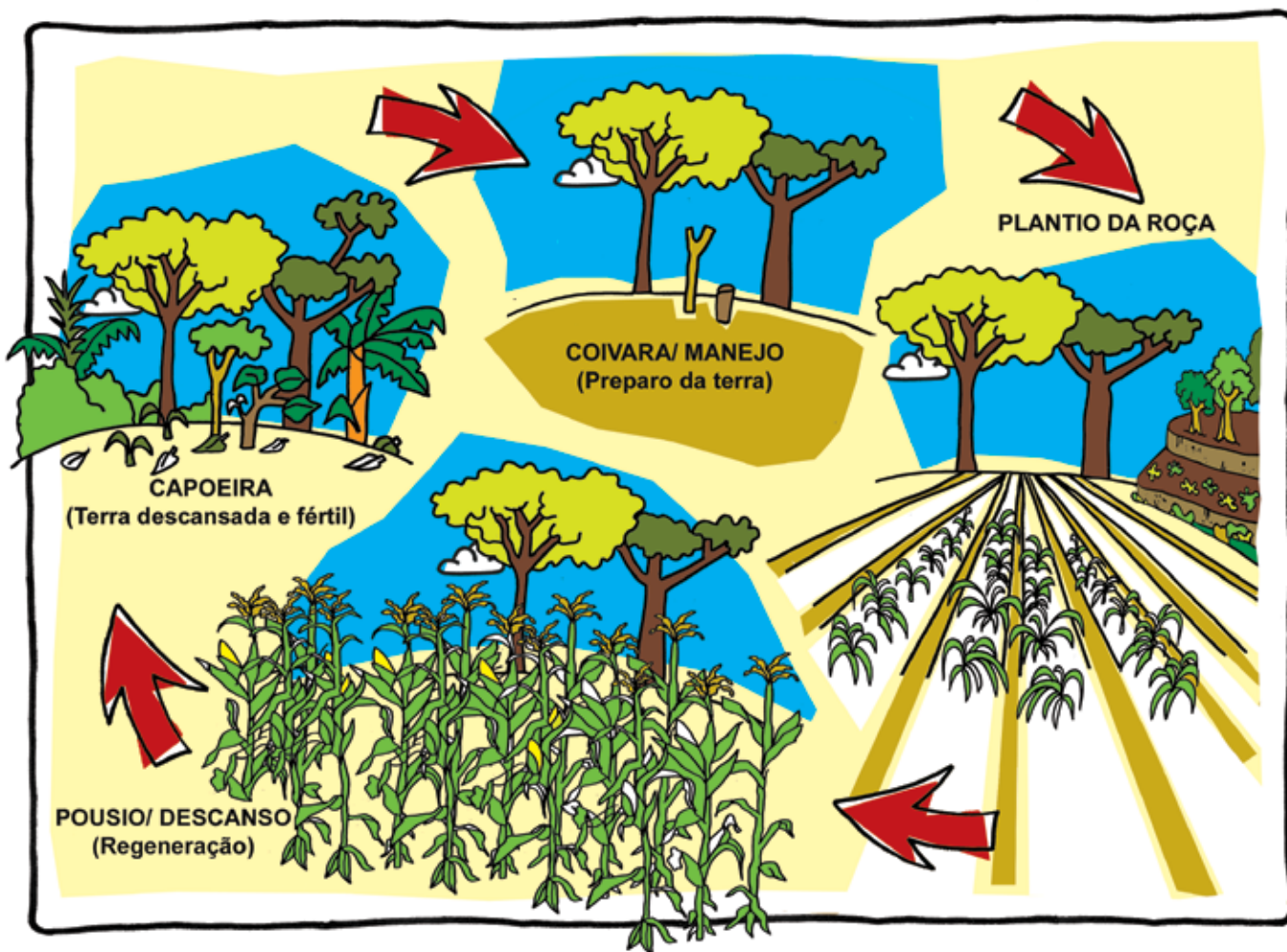
A AGRICULTURA FAMILIAR E A AGROECOLOGIA

A agricultura, seja na zona rural ou em espaços urbanos, necessita de muita sensibilidade por parte das pessoas que a desenvolvem. Chamamos de agricultores e agricultoras as pessoas que praticam a arte de plantar. Chamamos de famílias agricultoras aquelas reunindo homens e mulheres, jovens e idosos que, de maneira conjunta, promovem a agricultura, seja ela em área rural ou urbana, geralmente em pequenos espaços ou em pequenas propriedades.

Historicamente, a agricultura familiar sempre teve uma relação íntima com a natureza. Quando o mundo não contava com os recursos tecnológicos que existem hoje, quase toda a comida produzida vinha dessa agricultura feita pelas famílias camponesas.

E sabem por que ainda existe agricultura familiar? Por que a agricultura familiar não desapareceu?

A resposta está na mesa do povo. Tanto a população da cidade quanto a do campo quer diversidade de alimentos, em quantidade e qualidade. A agricultura familiar sobrevive há tanto tempo porque está baseada numa relação de harmonia entre as famílias produtoras e a natureza. Para os agricultores e agricultoras, a terra não é vista como simples mercadoria, mas sim como recurso de trabalho, de sustento e chão onde criam seus filhos e cultivam suas amizades. Essa visão mais ecológica do ambiente, que permite que se possa produzir em um mesmo lugar por tanto tempo, está presente na cultura de muitas famílias rurais Brasil afora. Mas esse modo de ser está sendo cada vez mais ameaçado pelo avanço da agricultura empresarial, que concentra a terra, explora todo o seu vigor e depois vai embora.



A Agroecologia se apresenta como grande aliada da agricultura familiar, uma vez que valoriza os recursos disponíveis localmente e os conhecimentos acumulados pelas famílias agricultoras. Segundo os princípios agroecológicos, o ambiente local deve garantir todas as condições e os recursos necessários para a produção. Esses recursos são manejados pela arte de cultivar vinda das mãos criativas dos homens, mulheres, jovens e idosos que trabalham no campo, produzindo alimentos e gerando riquezas e renda para as famílias e comunidades.

CUIDANDO DO SOLO

Sem terra não dá para plantar. O solo é o grande responsável por alimentar as plantas. Para termos plantas saudáveis, temos que ter um solo saudável. Sobre esse assunto, o conhecimento dos agricultores não falha:

Terra boa é preta, fresca, fofa, cheirosa e cheia de bichos.

POR QUÊ?

A cor preta indica que a terra tem bastante nutrientes, alimento para as plantas. Fresca quer dizer que a terra está úmida, que tem água. Terra fofa significa terra solta, que tem ar para as raízes. A terra é cheirosa quando não está encharcada (água demais mata a planta). Já os bichos são os pequenos insetos, minhocas, gongolos, etc., responsáveis por dar vida e ajudar a terra a ficar preta, fresca e fofa. Se a terra está boa para eles, está boa demais para as plantas também. Portanto, podemos perceber se a terra está forte ou fraca verificando se está preta, fresca, fofa, cheirosa e cheia de bichinhos.



Mas também é possível avaliar se a terra está forte observando os tipos de plantas que aparecem nela. Muitas plantas nos dão sinais sobre a qualidade da terra por isso, são conhecidas como plantas indicadoras.

Algumas plantas indicadoras de fertilidade do solo

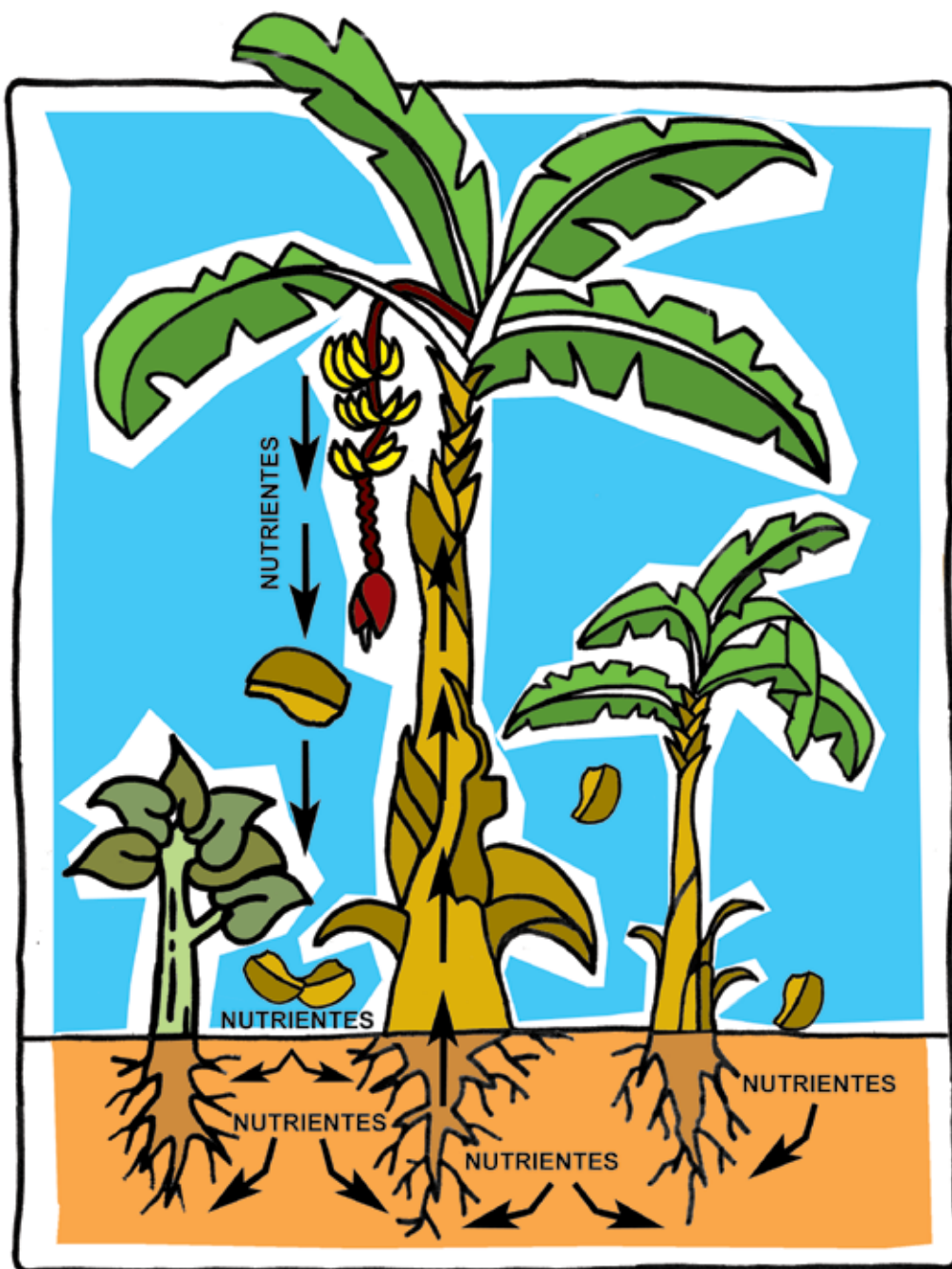
Terra forte	Terra fraca
trapoeraba	sapê
caruru	samambaia
beldroega	capim rabo-de-burro
mamona	pixirica

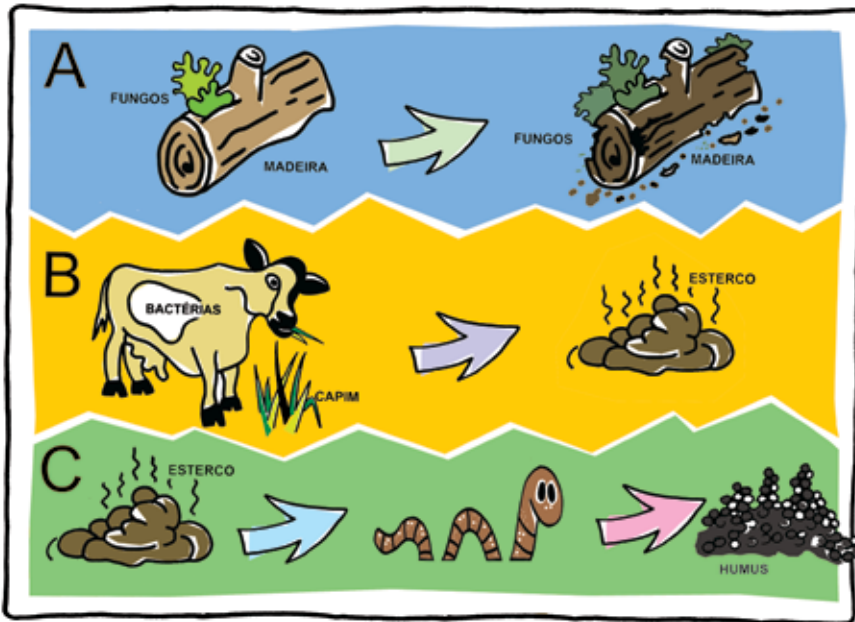
O que fazer então para a terra se manter forte?

PRODUZIR A TERRA PRETA:

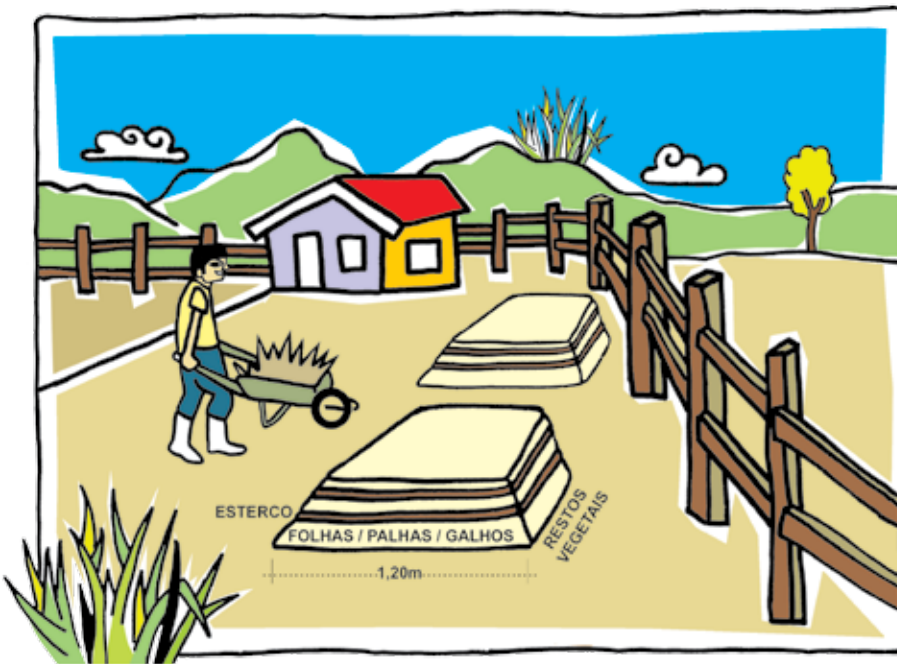
Os mais antigos já diziam: planta sadia é sinal de terra sadia. É preciso alimentar a terra para que as plantas recebam também uma quantidade suficiente de alimento. Como a natureza alimenta a terra e as plantas?

As raízes buscam o alimento na terra. Os restos de folhas, galhos e troncos, ao caírem na terra, vão se decompondo, transformando-se aos poucos em alimento para as plantas. Com a ajuda dos bichinhos da terra (insetos, fungos, bactérias, minhocas), essa transformação é mais rápida. E é esse alimento, conhecido como matéria orgânica, que deixa a terra com a cor preta.





Outro caso é o esterco animal, que nada mais é do que restos de plantas que passaram pelo estômago de animais maiores e, por estarem mais mastigados, são mais eficientes na alimentação das plantas. Não se esqueça de sempre usar nas plantas o esterco bem curtido!



DICAS PARA AJUDAR A TERRA FICAR PRETA:

COMPOSTAGEM

A compostagem tem o objetivo de acelerar a decomposição de restos vegetais e disponibilizar material orgânico de boa qualidade para a nutrição das plantas. Quem tiver acesso a esterco bovino pode utilizá-lo para mistu-

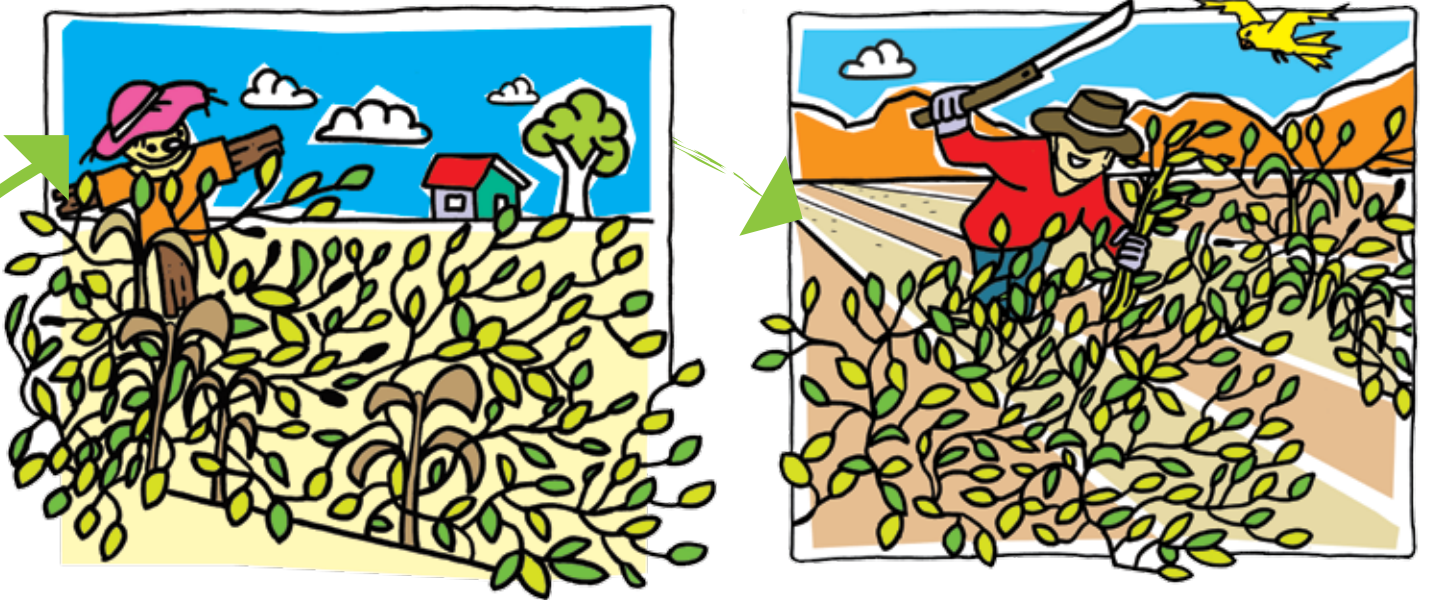
rar com os restos de folhas, grama cortada, galhos, etc. Faça uma pilha de aproximadamente 1,20 m de largura, de comprimento que pode variar conforme as possibilidades. Faça uma primeira camada de 15 a 20 cm com os restos vegetais. Por cima desta camada coloque outra de 5 cm de esterco. Repita as camadas até a pilha alcançar a altura da cintura. Cubra a pilha com palha ou folhas secas.

Revire a pilha de 7 em 7 dias, sempre observando a umidade. Caso precise regue a pilha. Dentro de 60 dias observe se o composto está pronto. Quando o material da pilha estiver todo com cor preta, com aparência de terra de cheiro agradável, é sinal que o composto está pronto. Pode utilizá-lo para adubação de hortaliças, fruteiras, legumes e outras plantas.

ADUBOS VERDES

Adubos verdes são plantas vivas utilizadas para adubação do solo. Existem alguns tipos de plantas que são capazes de tirar nutrientes de lugares mais profundos que a maioria das plantas não consegue alcançar. As plantas de legume, como feijão-de-porco, guandu, mucuna, crotalária, são ótimas aliadas na adubação do solo. Plantam-se essas espécies adubadeiras junto da cultura principal ou no momento de descanso da terra. Assim que iniciar a floração, os adubos verdes devem ser podados e deixados sob a terra. Vejam o caso do milho com a mucuna: planta-se o milho normalmente. No momento da primeira capina, planta-se a mucuna no meio do milho. As plantas vão conviver em harmonia e, quando chegar a hora de colher o milho, a mucuna já estará a ponto de dominar toda a área (trepando sobre os pés de milho secos). Na floração da mucuna, poda-se tudo e deixa apodrecer em cima da terra.





NÃO QUEIMAR

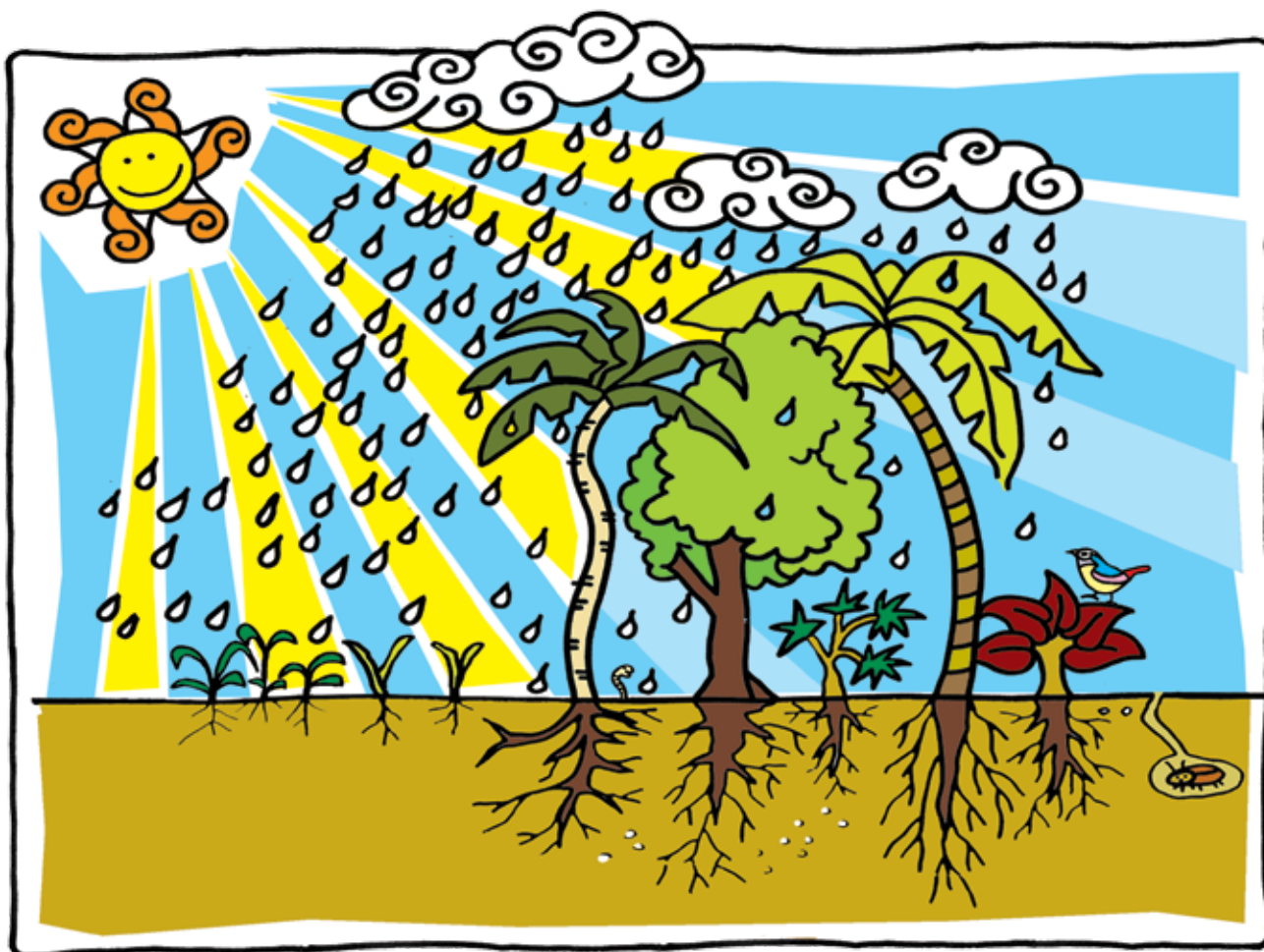
A queimada provoca o enfraquecimento da terra porque, quando se queima, vários nutrientes importantes para as plantas cultivadas vão embora junto com a fumaça. Além disso, o fogo acaba com os bichos responsáveis pela decomposição dos restos vegetais, prejudicando muito a qualidade da terra. Deixe o material roçado ou capinado sobre o solo, ele vai apodrecer e virar alimento para as plantas. Se o material for muito bruto, faça leiras, de modo que o material todo vá apodrecendo aos poucos. Depois se pode até plantar, por exemplo, batata-doce ou abóbora, junto às leiras. Com certeza essas plantas agradecerão muito.



PRODUZIR A TERRA FRESCA, FOFA E CHEIROSA:

Se observarmos a natureza trabalhar, veremos que ela faz tudo certo para conservar a terra rica. Devemos, portanto, tentar imitá-la.

Para a terra ficar fresca, fofa e cheirosa, temos que fazê-la ficar preta. Para tanto, devemos deixar sobre o solo os restos vegetais que alimentam a terra e também ajudam a reter a água. Os bichinhos da terra, que se alimentam dos restos vegetais, cavoucam e fazem pequenos túneis no solo, que ajudam a água e o ar a circularem debaixo da terra, deixando ela mais fresca e fofa. As raízes também cumprem o papel de arejar o solo.



Quando deixamos a terra descansar, estamos deixando a natureza trabalhar, recuperar o que fizemos à terra. Isso ela faz muito bem, porém leva tempo.

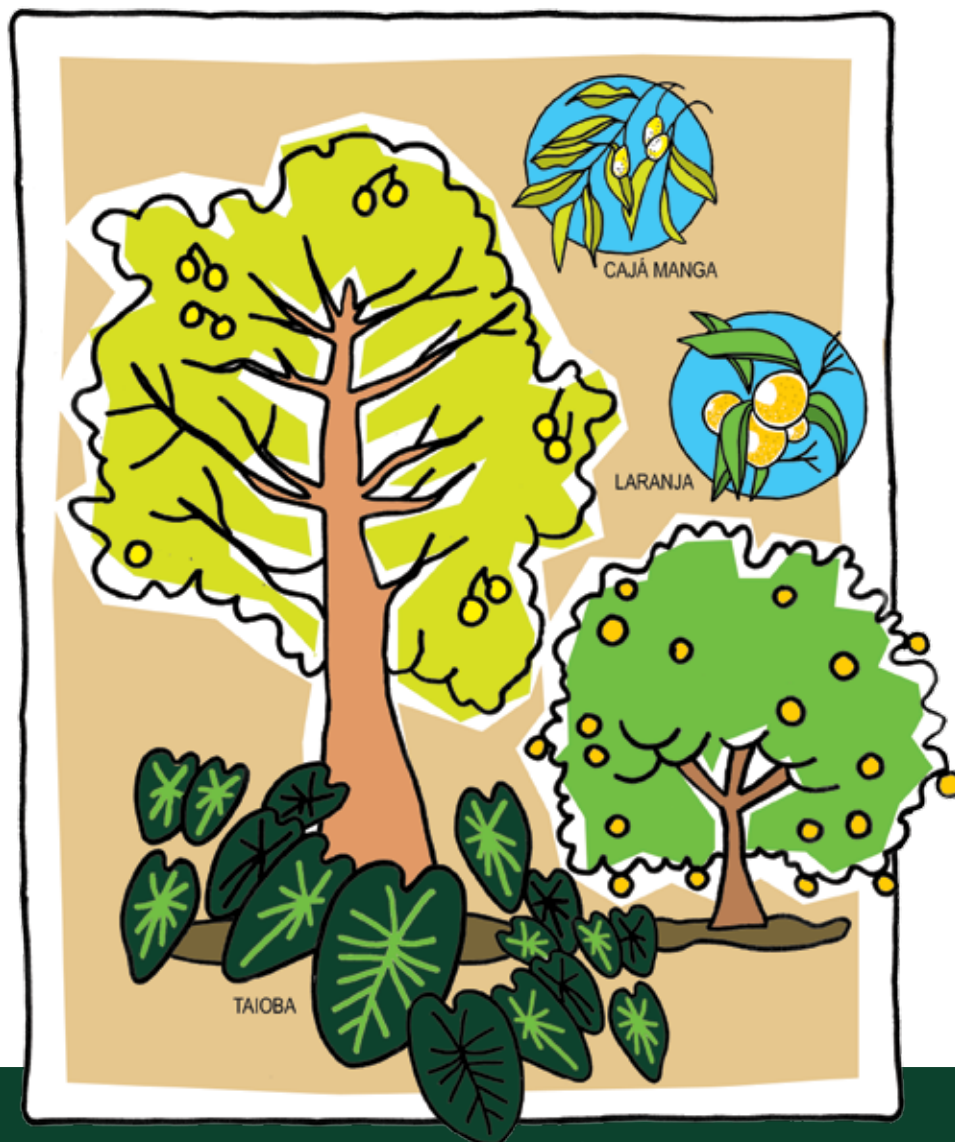
Por que então ao invés de insistirmos em cansar a terra, não trabalhamos em parceria com a natureza?

DICAS PARA AJUDAR A TERRA A FICAR FRESCA, FOFA E CHEIROSA



COBERTURA DO SOLO

Para que a terra se conserve fresca e úmida, o sol não deve bater diretamente nela. O calor forte, além de secar a terra, mata vários bichos que vivem no solo e prejudica as raízes rasas das plantações. A chuva forte também ajuda a lavar os nutrientes da terra. Mas, ao cobrir o solo, evitamos que o calor e a chuva forte agridam a terra. Podemos utilizar coberturas mortas, como palha e bagaço de cana, grama cortada, capins roçados, folhas de árvores, etc.; ou podemos utilizar a cobertura viva, plantas que forrem o solo e que não prejudiquem o desenvolvimento da lavoura. Pode ser a própria vegetação espontânea ou adubos-verdes, como o feijão-de-porco, o amendoim forrageiro, o cudzu, entre outros.



JUNTANDO ROÇAS E ÁRVORES

A utilização de árvores ou arbustos em meio às lavouras permite que a terra não se desgaste tanto. As árvores cumprem um papel importante no afofamento e arejamento do solo por causa das suas raízes. Seus galhos e folhas, quando podados e manejados corretamente, servem como adubo e cobertura do solo. Plantações consorciadas com árvores não sentem tanto o clima seco. Os pastos também podem ter árvores, que oferecem sombra e forragem aos animais e servem ainda como moirões vivos. A bananeira gosta da sombra rala do guapuruvu, conhecido também como bandarria ou ficheira. Árvore nativa da Mata Atlântica, além de fornecer sombra, bate todas as folhas uma vez ao ano, realizando uma grande adubação no bananal. O guapuruvu também serve como quebra-vento, protegendo as folhas sensíveis da bananeira. Por sua vez a banana é uma ótima companheira de plantas como o café, o cacau, cupuaçu, palmitos, entre outras. Fornece sombra e muito adubo, vindo da colheita e do manejo do bananal. É só observar e experimentar!

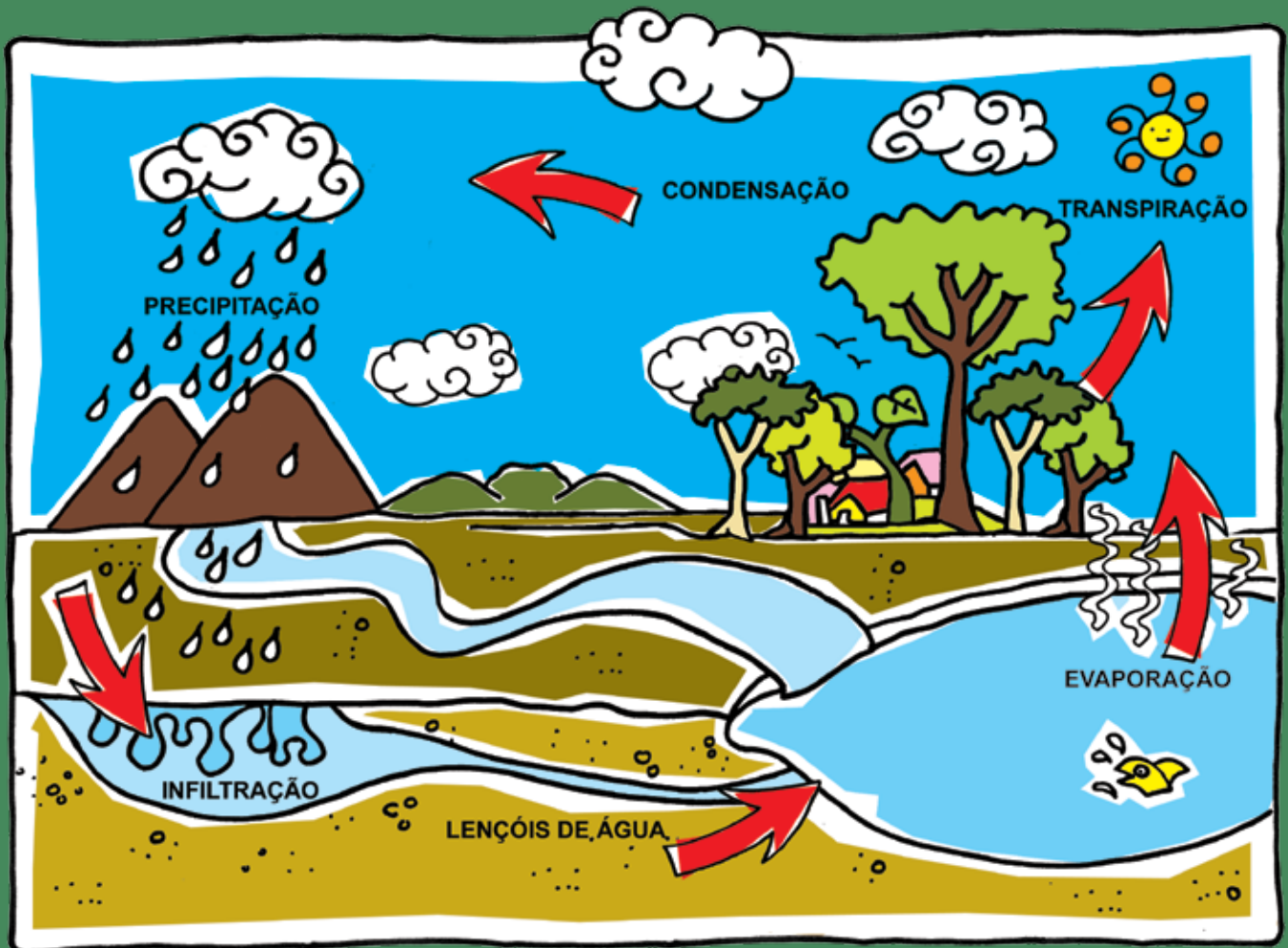
CUIDANDO DAS ÁGUAS

Para que se tenha vida, é preciso que se tenha água. Portanto, cuidar das nascentes e rios é fundamental para a continuidade da agricultura. Para cuidarmos bem das águas, é preciso entender como a natureza faz para garantir o seu fornecimento.

Ao observar como a água circula na natureza, entendemos que ela precisa voltar para a terra para alimentar as nascentes e os rios. Compreendemos também que o rio é o principal caminho para a água retornar para o mar e assim completar seu ciclo.

DICAS PARA A CONSERVAÇÃO DA ÁGUA

Lembrando que, quando cuidamos do solo, estamos também cuidando das águas.



PRESERVAR AS MATAS CILIARES

Assim como os cílios protegem nossos olhos da poeira e das impurezas do ar, as matas ciliares protegem os rios e córregos dos desbarrancamentos. Quando as margens do rio desbarrancam, ele vai ficando mais raso, diminuindo a infiltração da água e aumentando os riscos de cheias – processo conhecido como assoreamento.

PRESERVAR AS MATAS DOS TOPOS DE MORROS, BOQUEIRÕES E EM TORNO DE NASCENTES

A vegetação nesses lugares é essencial para a infiltração da água da chuva, responsável pelo abastecimento das nascentes e rios. Sem a mata, a água que cai nesses lugares penetra muito pouco no solo, escorrendo morro abaixo e enchendo rapidamente os rios e córregos, podendo causar enchentes, além de não abastecer devidamente o lençol freático e as nascentes.



CUIDANDO DAS SEMENTES

Não se pratica agricultura sem sementes, embora existam plantas que se reproduzem por outros meios, como as estacas, por exemplo. A maioria das sementes utilizadas nas roças vem de frutos e grãos. A semente é o que garante nossas futuras lavouras. É a partir dela que as novas plantas que continuarão a nos alimentar nascem e se reproduzem.

Durante anos e anos, agricultores e agricultoras foram introduzindo as práticas de melhoramento dos cultivos, entre elas, a seleção das plantas que produziam melhor nas suas regiões. Existem hoje vários tipos de plantas, como milhos, feijões, mandiocas, quiabos, que são fruto do melhoramento realizado pelas mãos camponesas ao longo da história. As sementes dessas plantas, guardadas e repassadas de geração para geração, são chamadas Brasil a fora de crioulas, caipiras, nativas, locais, dentre outros termos. São adaptadas aos locais onde foram criadas, assim como às condições de cultivo da agricultura familiar.

Desde que a gente nasceu planta esse milho. Essas sementes são do tempo dos velhos, nunca deixamos a planta acabar... Aí a gente vem zelando, zelando. Eu me casei e fomos zelando, tem mais de 50 anos...

Manoel Martins, 74 anos, e dona Virginia Clemente Martins, 79 anos
Agricultores familiares de Tapinoã – Araruama (RJ)

O CASO DO MILHO CATETO

Esse milho é uma variedade crioula muito utilizada no Rio de Janeiro. É um milho que produz bem, mesmo em terra não muito fértil. Tolerância à seca e é resistente às pragas e doenças. Apesar de não produzir grandes espigas, o milho cateto ou catete acompanha há vários anos muitas famílias agricultoras em função das vantagens que ele oferece em situações de poucos recursos.

O milho híbrido não serve pra gente porque é um milho fraco, não alimenta as galinhas e nem engorda os porcos. O milho híbrido deixa os ovos com a gema branca, sem gosto... O híbrido é um milho grande, mas sem nutrientes.

Dona Genoveva Menezes de Souza
Agricultora familiar de Tapinoã – Araruama, comentando sobre o milho híbrido.

Hoje muitas sementes crioulas estão se perdendo. Muitos agricultores estão sendo levados a trocar as sementes crioulas por sementes híbridas produzidas por grandes empresas. Para serem produtivas essas sementes necessitam de adubos químicos e agrotóxicos, tudo produzido pelas mesmas empresas. Quando utilizados os produtos químicos, as sementes híbridas até produzem bastante, mas não se consegue tirar plantas delas. E, ano após ano, é preciso comprar das empresas novas sementes, criando uma situação de dependência do agricultor.



Já as sementes crioulas, cultivadas no local e melhoradas ao longo do tempo pelos agricultores familiares, não exigem muitos recursos financeiros para serem plantadas. Todo ano novas sementes são geradas para a nova roça. Por isso temos que zelar pelas sementes que nossos pais e avós cuidaram. Além de nos darem plantas mais adaptadas e resistentes, nos dão independência e segurança. Portanto, para fortalecer a agricultura familiar ecológica, é cada vez mais necessário conservar as sementes crioulas.

DICAS PARA GUARDAR SEMENTES

Para evitar carunchos, gorgulhos e traças que atacam os grãos, guarde sempre as sementes em recipientes com o mínimo de ar possível e coloque junto folhas de louro, dentes de alho ou folhas de eucalipto. Uma boa dica para se controlar o caruncho do feijão é colocar um pouco de pimenta-do-reino junto das sementes e fechar bem o recipiente.



PLANTANDO DE TUDO UM POUCO

Uma característica da agricultura familiar sempre foi a presença de vários tipos de lavouras nas propriedades. Plantar de tudo um pouco é fundamental para suprir os gastos das famílias. Nessa situação, a roça fornece a maior parte da alimentação dos animais e das pessoas que plantam.

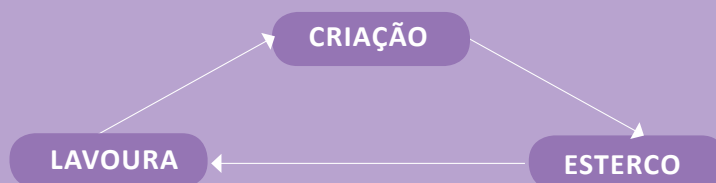


Na roça ou na cidade, os agricultores e agricultoras sempre buscam misturar as plantas, aproveitando os espaços e enriquecendo a mesa.

COMBINANDO OS ANIMAIS E A ROÇA

A criação animal é importante fonte de alimentos para a agricultura familiar. O gado, a galinha, o porco, a cabra, as abelhas, o peixe e muitos outros tipos de criações estão presentes nas comunidades camponesas. Além de fornecerem a carne, o leite, o mel, o ovo e vários outros produtos, as criações fornecem o esterco para adubar as lavouras. A sabedoria dos agricultores e agricultoras familiares ensina

que combinar as criações animais com as plantações é um bom negócio. As plantas alimentam os animais, e os animais alimentam as plantas. E tanto as plantas quanto os animais geram renda e alimentam a família.



O TRATOR DE GALINHAS

O trator de galinhas nada mais é que um galinheiro móvel. Utilizando bambu, canos de PVC ou tela de arame, pode-se fabricar um galinheiro com estrutura bem leve para funcionar como um preparador de canteiros para o cultivo de hortaliças. O objetivo é que possamos, movimentar o galinheiro conforme as galinhas vão revirando a terra. As galinhas alimentam-se de ervas indesejáveis, como a tiririca, e de insetos que podem prejudicar as hortaliças. Elas ciscam bastante, afofando a terra, e adubam o solo com seu esterco. Esse processo, além de ajudar no preparo da terra para plantio, enriquece a alimentação das galinhas.

TRÊS BENEFÍCIOS DA LAVOURA VARIADA:

1 - Variedade de produtos: plantando de tudo um pouco, ou até mesmo de tudo um muito, dependendo da situação, a família garante grande parte do consumo de alimentos da casa ao longo do ano. Caso uma cultura não produza o esperado, têm-se as outras para compensar. Outra vantagem é poder comercializar os produtos também durante o ano inteiro. Numa feira, por exemplo, quanto mais variada a banca, maior a chance de venda.



2 - Aproveitamento do espaço: quando se tem pequenas propriedades, até mesmo quintais ou outros espaços pequenos, o plantio diversificado ajuda no aproveitamento da área. Combinando o tempo de crescimento da planta e o formato delas, consegue-se aproveitar bastante o terreno.



3 - Controle de pragas e doenças: quanto mais tipos de plantas conviverem próximas umas das outras, mais tipos de bichos aparecerão na roça. Quanto mais bichos na roça, menos chances de uma determinada planta ser atacada por pragas. Tem bicho que se alimenta de planta, e tem bicho que se alimenta de outros bichos. Uma roça com grande variedade de plantas atrai tanto os bichos que comem planta, quanto os bichos que comem bichos, equilibrando o ambiente. Chamamos esse fenômeno de controle biológico. Além desse controle, ainda podemos utilizar plantas que repelem algumas das pragas.



CUIDANDO DA SAÚDE DA ROÇA

Para que uma planta seja sadia, tem que estar bem alimentada, ter espaço para suas raízes crescerem (solo bem cuidado) e não sofrer por falta de água. Também é importante que a planta venha de sementes de qualidade e seja cultivada na companhia de outras, como nos consórcios. Seguindo estes passos, o agricultor provavelmente não terá que se preocupar com pragas e doenças. Mas, caso aconteça, aí vão algumas dicas caseiras para evitar esses problemas:

PLANTAS REPELENTES

Os insetos não gostam de cheiro forte, como o de cravo-de-defunto, arruda, hortelã, alecrim, mastruz, alho e girassol. Se plantadas dentro do roçado, essas plantas afugentam a paquinha, o pulgão, os vermes do solo, a lagarta, o besouro, dentre outros bichos. Para afugentar a saúva, é bom plantar gergelim ou batata-doce próximo do formigueiro.

CALDA SULFOCÁLCICA

Essa calda é utilizada para tratar doenças causadas por fungos, além de combater ácaros, cochonilhas e outros insetos sugadores de plantas. É também repelente de brocas que atacam os troncos de árvores frutíferas. Para preparar 100 litros de calda são necessários:

- 20 kg de enxofre;
- 10 kg de cal virgem;
- 100 litros de água;
- 1 tonel de ferro de 200 litros;
- lenha suficiente para ferver a água por mais de uma hora.

1º PASSO: Faça uma marca na metade do tonel que corresponde a 100 litros. Bote os 20 kg de enxofre no tonel sobre o fogo e vá misturando água até formar uma pasta.

2º PASSO: Vá despejando a cal virgem e a água aos poucos. Tome cuidado com os respingos de água quente.

3º PASSO: Vá completando, também aos poucos, o volume com água até chegar a 100 litros, sempre mexendo bem e com o fogo bem forte. Quanto mais forte o fogo, melhor fica a calda. Mantenha o volume sempre em 100 litros (use a marca no tonel), acrescentando água.

4º PASSO: Quando a calda ficar grossa e com uma cor que lembra o vinho de jabuticaba, está pronta. É só deixar esfriar, coar e guardar em baldes de plástico ou garrações escuros, bem tampados.

Se ficar bem fechada, a calda continua com sua força toda por mais de quatro meses.

Recomendações de uso:

Hortaliças e fruteiras – para cada 10 litros de água – 100 ml de calda. Aplicar de 15 em 15 dias, nas horas mais frescas do dia.

ATENÇÃO: Não aplique a calda em plantas da família das abóboras, dos pepinos, dos melões, etc. Nunca aplique a calda sobre a floração das plantas. Lave bem as mãos e os recipientes após o manuseio, utilizando suco de limão ou vinagre (a calda é corrosiva). Muito cuidado com os olhos.

MANIPUEIRA

É o líquido leitoso que escorre das raízes da mandioca no momento da prensagem para a fabricação de farinha.

- controle de ácaros: diluir 1 litro de manipueira em 2 litros de água – aplicar 1 vez por semana.

- controle de insetos: 1 litro de manipueira para 1 litro de água – aplicar 1 vez por semana.

- controle de carrapatos: 1 litro de manipueira + 1 litro de óleo de mamona + 2 litros de água – aplicar 1 vez por semana.

- adubação foliar: 1 litro de manipueira para 4 litros de água – aplicar 1 vez na semana.

MACERADO DE SAMAMBAIA

Para o controle de ácaros, cochonilhas e pulgões, coloque 500 g de folhas frescas ou 100 g de folhas secas de samambaia em 1 litro de água e deixe em repouso por 1 dia. Ferver por meia hora. Para aplicação, diluir 1 litro da mistura de samambaia em 10 litros de água.





GERANDO RENDA E DIGNIDADE NA ROÇA

A agricultura familiar ecológica tem grande potencial de geração de renda. É uma agricultura capaz de produzir alimentos variados, de qualidade e respeitando a natureza. Esses produtos têm alta capacidade de abastecer os mercados próximos às áreas produtoras: são vendidos na porta de casa, na comunidade, para fregueses na cidade ou nas feiras.

As feiras são ótima alternativa de renda para os agricultores e agricultoras familiares. As famílias agricultoras levam para as feiras uma grande variedade de produtos. Se a família não tem abóbora hoje, tem mandioca, quiabo, maxixe e couve. A feira sempre oferece oportunidades de venda para quem planta de tudo um pouco. Além disso, esse tipo de mercado aproxima o consumidor da realidade camponesa. O freguês passa a confiar no agricultor e o agricultor passa a confiar no freguês. A relação é duradoura e benéfica para os dois lados.

Eu sempre venho à feira. Compro de tudo: ovo, mel, verduras, legumes e frutas. O preço é justo e confio na qualidade dos produtos. Conheço há muito tempo estas pessoas, inclusive já fui várias vezes tomar cafezinho na casa delas e conhecer a roça...

Consumidora da feira da agricultura familiar de Casimiro de Abreu (RJ).

Eu tiro de 1.000 a 1.500 reais por mês fazendo feira uma vez por semana. Não pago aluguel, tenho água à vontade e como o que eu planto. Onde eu iria ter esta condição trabalhando empregado por um salário mínimo na cidade?

David Couto, agricultor familiar do Assentamento Visconde Casimiro de Abreu (RJ).

REDE ECOLÓGICA DE CONSUMIDORES

Formada por um grupo de consumidores do Rio de Janeiro que desde 2001 realiza compras coletivas de produtos perecíveis e não perecíveis vindos da produção familiar agroecológica fluminense e de várias regiões do País. Além das compras, a rede organiza visitas aos agricultores (desenvolvendo o turismo rural e as relações de solidariedade campo-cidade); oficinas de reaproveitamento de materiais reciclados (trabalhando a educação ambiental e evitando a utilização de materiais descartáveis); e encontros de produtores e consumidores, além de estimular práticas agroecológicas, como compostagem e hortas caseiras. A rede se insere também em campanhas, abaixo-assinados e participa dos fóruns de cooperativismo popular e economia solidária do Rio de Janeiro.

Muitos consumidores hoje buscam produtos diferenciados, produzidos de maneira mais artesanal e natural, sem o uso de substâncias químicas, abrindo grande canal de comercialização para a agricultura familiar ecológica.

Muitos agricultores familiares também estão vendendo seus produtos diretamente para alimentação escolar. Através da Lei nº 11947/09, no mínimo 30% dos alimentos da merenda escolar das redes municipais e estaduais de ensino, tem que vir da agricultura familiar. Mais uma oportunidade para comercialização.

FEIRA DA ROÇA DE NOVA IGUAÇU

Após muitas dificuldades, agricultores da Baixada Fluminense, apoiados pela Emater e pela Comissão Pastoral da Terra, conquistaram um espaço para comercializar seus produtos, demanda antiga da região. Depois de muito pressionarem o poder público, conseguiram organizar a feira na Praça Rui Barbosa, no centro do município. Com um caráter cultural e agroecológico, a feira conta também com a participação do movimento da economia solidária. Participam da feira agricultores familiares das comunidades de Marapicu, Campo Alegre, Fazenda São Bernardino, Jaceruba, Geneciano, entre outras.





ORGANIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO

Para que os produtos da agricultura familiar cheguem com mais facilidade à mesa do povo e para que os camponeses sejam mais valorizados e vivam com maior dignidade, não basta produzir. É preciso também se organizar e participar dos espaços de decisão na comunidade e na região.

Trilhar o caminho da Agroecologia, seja na cidade ou no campo, exige dar as mãos para a natureza e seguir junto dela. Exige dar as mãos aos companheiros e companheiras agricultores e fortalecer a caminhada. Exige comunhão e muita garra para vencer as dificuldades. A profissão da agricultura tem sido uma das mais difíceis, porém é de grande nobreza. Nada é mais nobre e gratificante do que trabalhar com a natureza para colocar o pão de cada dia na sua própria mesa e na mesa de milhares de famílias.

Mulheres e homens do campo, a terra está nas mãos de vocês e vocês estão nas mãos dela.

A cidade e a roça: SEMEANDO AGROECOLOGIA

Edição:

Projeto Semeando Agroecologia

Texto:

Thiago Michelini Barbosa

Coordenação editorial:

Adriana Galvão Freire, Marcio Mattos de Mendonça,
Paulo Petersen e Silvio Almeida

Revisão ortográfica e gramatical:

Rosa Peralta

Projeto gráfico:

I Graficci Comunicação & Design

Ilustrações:

Ayssa

Fotos:

Marcela Pepino

Impressão:

Reproset

Tiragem:

1.000 exemplares

AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia

Rua das Palmeiras, 90 – Botafogo – RJ

CEP 22270-070 – Rio de Janeiro

www.aspta.org.br

E-mail: urbana@aspta.org.br

Realização:

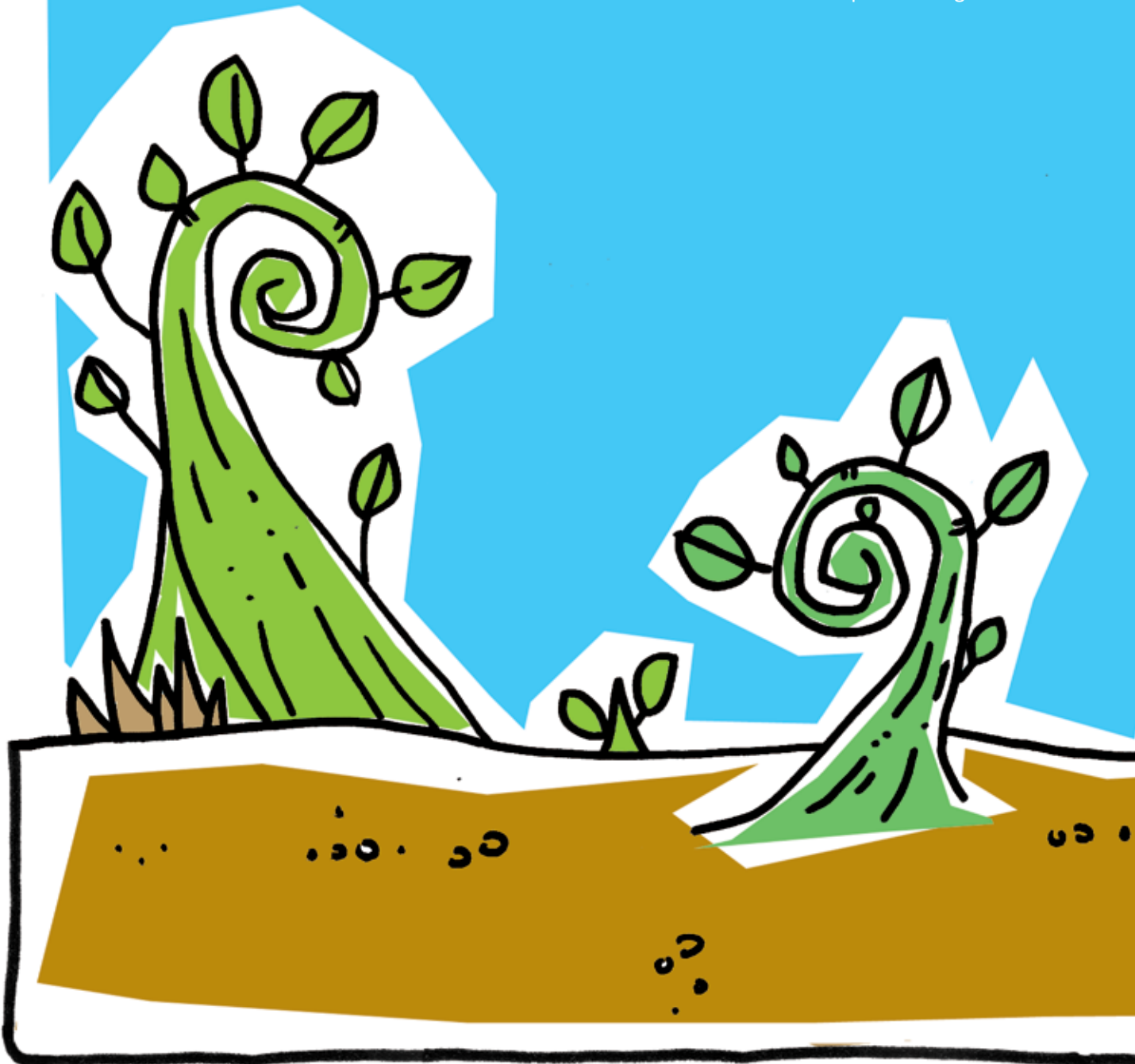


Patrocínio:





Quantidade de páginas: 32
Formato: 21 x 28cm
Tipologia: Calibri
Corpo/entrelinha: 11/15
Papel de miolo: Offset 75g
Papel de capa: Cartão Supremo 240g







Realização:



Patrocínio:

